

## DIE WALKÜRE



Siegmund - tenor

Hunding - baixo

Wotan - baixo-barítono

Sieglinde - soprano

Brünnhilde - soprano

Fricka - mezzo-soprano

Gerhilde

Ortlinde

Waltraute

Schwertleite

Helmwige

Siegrune

Grimgerde

Rossweisse



valquírias e  
sopranos e  
contraltos

Orquestração: como em Das Rheingold, porém com 2 pícolos, tambor e glock.

Palco/bastidores: berrante, máquina de trovão.

## Preludio

---

### 1ºATO

#### 1ª Cena

A cortina sobe, mostrando o interior de uma residência. A sala foi construída em volta do tronco de um poderoso freixo, que forma o seu centro. À direita do primeiro plano está a lareira; atrás da lareira situa-se a despensa e ao fundo a grande porta de entrada. À esquerda, a direção de um degrau acima conduz ao quarto do casal. Do mesmo lado da lareira situa-se uma mesa; atrás dela está colocado um grande banco e à frente alguns bancos de madeira. Fugindo de uma tormenta (veem-se os raios de trovão...), Siegmund abre a porte de entrada. Segurando o trinco, estanca na porta e olha em volta da sala. Transparece estar muito exausto, e sua aparência geral mostra sinais de apressada fuga. Não vendo ninguém, fecha a porta por trás de si e cai exausto no piso frente à lareira.

SIEGMUND: Seja de quem for esta lareira, vou descansar aqui.

(Sieglinde aparece procedente do quarto e mostra-se surpresa ao encontrar um estrangeiro estendido em frente à lareira)

SIEGLINDE: Um homem aqui. Vou me aproximar e ver quem é.

(Ela avança alguns passos)

Quem veio para dentro da casa e deitou-se perto do fogo?

(Siegmund não se move enquanto Sieglinde o contempla)

Uma longa estrada cansou seu corpo. Perdeu os sentidos? Estará morrendo? Respira levemente, com os olhos fechados. O desconhecido parece ativo e sucumbe à dor!

(Siegmund inesperadamente levanta a cabeça)

SIEGMUND: Um gole, um gole!

SIEGLINDE: Vou procurar água fresca.

(Ela toma um chifre para buscar água e sai. Retorna para dá-lo a Siegmund)

Beba a água que ofereço aos seus lábios ardentes. Água que você queria. (Siegmund toma a água de uma tragada e devolve o chifre para Sieglinde. Ele a olha com um crescente interesse)

SIEGMUND: A água da fonte me refrescou. Meu pesado fardo me aliviou. Meu coração está menos cansado. De repente, meus olhos reabertos, com encantamento. Quem me restitui a vida?

SIEGLINDE: Hunding é o dono do lugar e da mulher. Seja seu hóspede esta noite; fique, ele voltará.

SIEGMUND: Estou só e sem armas: a um hóspede ferido seu esposo não precisa temer.

SIEGLINDE: Ferido, mostre-me o ferimento, rápido!

SIEGMUND: A dor está passando, mas posso falar. Meus braços continuam firmes. Se minha lança fosse forte como meu braço nunca teria fugido. Mas minha lança quebrou-se, e os cães hostis me perseguiram. A tempestade de fogo difícil de suportar. Deixou-me cansado. Mas como consegui fugir dos cães, toda a aflição se foi. A sombra cobriu meus olhos. Mas o dia sorri de novo para mim.

(Sieglinde vai até à despensa e enche o chifre com hidromel) SIEGLINDE: Que esse hidromel, onda espumante, seja recebido por você.

SIEGMUND: Prova-o para mim?

(Sieglinde sorve o drink. Siegmund então toma um grande bocado, enquanto a fita)

(com emoção) Você tem piedade de um desafortunado homem. Sejam poupadas tais angústias!

(Ele se prepara para partir)

Retomei o fôlego, lentamente repousei. Agora, vou-me embora daqui.

(Ele vai em direção à saída)

SIEGLINDE: O que o apressa para fugir já?

SIEGMUND: A má sorte me persegue, assim apresso o passo. Onde permaneço, a má sorte se aproxima. Oh, mulher, fique longe dela, sairei daqui com meus passos.

(Ele vai até à porta e levanta a tranca. Sieglinde impulsivamente segue-o e chama-o)

SIEGLINDE: Ei, fique aqui! Que males podereis trazer a mim quando a má sorte mora nesta casa?

(Siegmund hesitante, profundamente comovido. Ele examina o rosto de Sieglinde e ela baixa os olhos tristemente)

SIEGMUND: Infeliz é como eu próprio me chamo. Ficarei à espera de Hunding.

(Ela retorna até à lareira, e continuam a se olhar um ao outro com crescente emoção. Sieglinde repentinamente para e ouve. Hunding pode estar ouvindo de fora, levando seu cavalo para o estábulo)

## 2ª Cena

(Ela vai até à porta e abre-a. Hunding, armado com espada e lança, entra, mas, vendo Siegmund, para no limiar da porta)

SIEGLINDE: Eu o encontrei aqui, pálido, fraco e desfalecido.

HUNDING: Deu de beber a ele?

SIEGLINDE: Como hóspede foi recebido e acalmei a sua sede. SIEGMUND: O repouso e o drinque eu a agradeço. Merece censura, sua ajuda e acolhida?

HUNDING: Sagrado é o meu lar, santa seja para ti a minha casa.

(Ele retira sua armadura e a entrega a Sieglinde)

Sirva a ceia para os homens!

(Sieglinde coloca a armadura num galho do freixo. Ela traz comida e bebida e prepara a mesa. Hunding passa uma boa vista de olhos sobre o semblante de Siegmund)

(À parte) Como se parece com minha mulher. O mesmo brilho de ouro ilumina seus olhos.

(Para Siegmund) Foi, sem dúvida, longo o seu caminho. Mas nenhum cavalo o trouxe. Que duras caminhadas o fizeram desfalecer?

SIEGMUND: Através de bosques e planícies, pântanos e espinhos fugi da morte, na tempestade. Ignoro o caminho que tomei, onde me perdi não tenho dúvida. Mas faça com que eu saiba onde estou.

(Hunding senta-se à mesa, convidando Siegmundo a tomar lugar) HUNDING: Meu teto o abriga, meu teto o recebe. Minha casa o acolhe e Hunding o recebe. Se voltar a oeste com seus passos, verá muitos vassalos do meu clã em vigília, prontos para combater por Hunding. Se meu hóspede me honra agora, que seu nome seja revelado. Se para mim não deseja falar, responda à minha esposa. Vejo seus olhos fixos sobre você. SIEGMUND: Pacífico não sou, nem tampouco Alegre. Mas Sofredor (Wehwalt) (Duende = espírito que representa a dor e o sofrimento) pode ser meu nome certo. Lobo foi meu

pai. Em dois viemos ao mundo. Uma irmã gêmea e eu. Cedo, perdi mãe e irmã: quem me criou e quem nasceu comigo. Meu coração apenas os conheceu. Lobo era forte e bravo e tinha muitos inimigos. Íamos à caça, o velho Lobo e o jovem. Um dia, os dois voltaram de um combate, nossa casa estava deserta. Em fogo e cinzas estava toda a morada. O carvalho florido, queimado; a mãe valorosa, morta, e da outra criança não havia vestígio. Foram os Invejosos (Neidinge), um bando que nos trouxe tanta angústia. Ficamos encurralados e fugimos juntos. O jovem viveu muitos anos com o pai, nos bosques. Muita caça perseguimos, mas lutamos com força e firmeza. Sou filho do Lobo. E como Lobo sou conhecido.

**HUNDING:** História cruel e única surge do seu relato, Wehwalt, o filho do Lobo. Sei de muitas histórias desse hábil guerreiro, sem nunca tê-lo visto, nem a um nem ao outro Lobo.

**SIEGLINDE:** Fale, ainda, hóspede! Onde se encontra agora seu pai? **SIEGMUND:** Maus momentos passamos com os Neidinge, que vieram nos caçar. Mais de um caçador caiu sob nossas mãos. Mais de um caiu na armadilha de sua caça. E os lobos os afugentaram. Perdi o rastro de meu pai. Apesar da minha busca, só encontrei uma pele de lobo na mata. Estava vazia. E o pai não estava mais lá. Afastei-me da floresta em direção aos homens e mulheres. Com todos eu ia por todos os caminhos. Procurando um amigo e a amante também. Mas em todo lugar me repeliam. A má sorte desabou sobre mim. Tudo o que me parecia justo os outros julgavam mal. Aquilo que eu reputava feio, os outros achavam belo. Em toda parte eu caía em emboscadas. A infelicidade acompanhava meus passos. Que sonho embriagador, tormentos. Assim, tenho de chamar-me Infeliz. O tormento é meu destino.

(Ele dá uma vista d'olhos para Sieglinde, que tudo ouve com interesse)

**HUNDING:** De um triste destino e sorte. A Norna pouco o ama. Sem agrado, recebo um hóspede assim alhures tratado.

**SIEGLINDE:** Só os infames desdenham de um homem sem defesas ou amigos. Fale, hóspede, em que combate seu braço foi desarmado? **SIEGMUND:** Uma donzela em perigo pediu-me ajuda. Sua família queria dá-la como esposa a um homem contra a sua vontade. Desafiei seus opressores. A todos enfrentei em combate. Meus braços os venceram. A donzela viu tombar seus irmãos. Seus corpos ela abraçava e seu ódio cedeu à tristeza. Com os olhos ardendo em lágrimas, ficou no campo de batalha lançando sobre seus irmãos abatidos gritos de selvagem dor. Os amigos das vítimas vieram em bloco, cheios de ódio, prontos para a vingança. Seu bando todo rosnava à minha volta. Perto de seus mortos, a moça ficou com a espada na mão. Consegui protegê-la por muito tempo. Mas, da minha mão, de repente, a espada foi arrancada. Só, ferido e sem armas, vi a moça morrer por sobre os cadáveres. Os outros correram enfurecidos



sobre mim, e eu tratei de fugir. Como vê, senhora, por isso não me chamo Pacífico (Friedmund).

(Ele se levanta e caminha até a lareira, enquanto Sieglinde, profundamente consternada, tristemente abaixa seus olhos)

**HUNDING:** Conheço uma linhagem selvagem e turbulenta, mas que, aos outros, parece santa. Ai de todos e de mim! Parti para a vingança daquela que exigiu o sangue dos meus. Mas cheguei tarde! E agora, regresso para ver o infame aqui, profanando a minha própria casa (ele desce do estrado). Minha casa te protege, Lobo, hoje. Por esta noite te recebo. Mas, amanhã, procura uma espada sólida. Esteja pronto de madrugada para o combate. Pagarás com sangue as mortes de ontem. (Sieglinde preocupadíssima dá um passo entre os dois homens).

**HUNDING** (para Sieglinde): Fora deste lugar, mulher! Saia agora! Prepare a bebida da noite. E me espere no leito.

(Sieglinde hesita; em seguida vai bem devagar em direção ao depósito. Abre o armário e pega um chifre de bebida; de soslaio olha para Siegmund que está constantemente observando-a. Como sugestão, ela endereça seu olhar em direção a um particular local da haste do tronco do freixo. Com um gesto violento, Hunding exige que ela abandone a sala, e com um último olhar para Siegmund ela vai para dentro do quarto do casal. Hunding toma suas armas do galho da árvore)

**HUNDING:** Um homem deverá estar armado; tu, Lobo, eu te encontro de manhã! Minha voz é clara, procura te defender bem!

(Ele vai para o quarto de dormir, levando suas armas, e quando entra passa o ferrolho na porta)

### **3ª Cena**

(Siegmund está sozinho. Está bastante escuro, denotando lá fora a continuidade da tormenta, com o acompanhamento de incessantes trovões. Apenas uma leve claridade provocada pela lareira. Ele senta-se no divã defronte do fogo, num grande estado de agitação)

**SIEGMUND:** E a espada prometida pelo meu pai, para vencer o perigo que se aproxima? Estou sem espada e refém do inimigo. Sua vingança empenhada aqui me prende. Venha, pelo menos tu mulher, doce e sagrada. Suave angústia, ardente inquietação. Sinto grande desejo por ela. E seu encanto inflama meu coração. Mas ela é escrava de um homem que escarnece de um inimigo sem defesa. Wãlse! Wãlse! Onde está a tua espada? A espada fiel que te servirá na luta, quando irromper a cólera do meu peito e

que consome minha alma?

(Um brilho de fogo, inesperadamente, fulge deslumbrante, no local do freixo que Sieglinde tentou chamar a atenção com sua vista de olhos. Lá o cabo de uma cravada espada fica plenamente visível)

O que brilha lá no meio da escuridão? Que raio de luz sai daquela árvore escura! Um relâmpago luziu e cegou a minha vista: alegre, parece rir-se lá; como o agradável sorriso queima o meu coração! É o olhar da formosa mulher em flor por ela lançado quando saiu do salão?

(A luz da lareira desaparece gradualmente)

A sombra das noites pesa sobre os meus olhos; o vento glacial penetrava-me até a medula dos ossos, mas o raio de seu olhar tocou-me profundamente: brindou-me como luz quente do dia. Como bem-aventurada brilha para mim como luz do sol. Meu rosto ilumina-se com sua aconchegante claridade. Ao crepúsculo dos montes negros, de nuvens feias, pardas como turfa, o adeus do seu olhar veio iluminar a minha noite. Até do tronco do freixo brotou por um tempo uma chama de ouro: lá a flor empalideceu; o fogo se apagou, e a sombra fria fecha meus olhos. No fundo do meu coração, alimenta-se ainda o fogo da paixão.

(O fogo desaparece e o salão fica completamente escuro. A porta do lado abre-se suavemente. Sieglinde, em uma branca peça de roupa, vai apressadamente até à lareira)

SIEGLINDE: Tu dormes, hóspede?

SIEGMUND (alegre): Quem vem devagarinho daí?

SIEGLINDE: Sou eu. Escuta bem. Pesado sono toma conta de Hunding. Com minhas mãos provoquei esse sono. Graças à noite estás a salvo! SIEGMUND: Salvo pela tua vinda.

SIEGLINDE: Existe aqui uma espada. Ah, se pudesses tê-la! É maior que todas. Então eu digo: a arma será daquele mais forte entre todos. Escuta o que digo: o bárbaro clã aqui reunido festejava o odioso casamento. Fui vendida e forçada ao casamento. Espólio que me livrou dos bandidos! Triste e solitária, longe da mesa, vi entrar um velho, um homem vestido de cinza, seu chapéu largo cobria na sombra um olho. Mas o outro brilhava cheio de ameaças. Sobre os homens infundia medo. Dirigindo-se a mim percebia o que havia de doce e consolador, tristeza e saudade, lágrimas e esperança, também. Por eles temido, levanta na sua mão uma espada. Arremessa-a enfim contra o tronco do freixo. Fica enterrada até o copo. Só terá a espada aquele que tiver força para arrancá-la. Alguns homens, malgrado sua valentia, não conseguiram tirá-la dali. Ou-

tros vieram e outros passaram. E todos tentaram, mas a espada nunca cedeu. A espada dorme lá, muda. Então, sei, por aquele que encantou meu coração, para quem só está plantada a espada no freixo. Que eu possa encontrá-lo aqui, o amigo, se ele socorrer a pobre mulher, pagando seus sofrimentos, o terrível tormento das minhas penas vividas, a vergonha e a afronta. A doce vingança lavará a injúria. A felicidade perdida e minhas choradas alegrias serão reconquistadas se tiver o sagrado amigo vindo aqui vencedor para cair nos meus braços.

(Siegmund abraça apaixonadamente Sieglinde)

**SIEGMUND:** Mulher adorada, eis o amigo que a arma e a amante esperavam! No meu peito em fogo queima a lenha pela qual são ligados nossos corações. Minhas passadas promessas em ti revivem e em ti reinam meus sonhos perdidos. Se choras, não menos sofri. Aqueles que me insultam apossaram-se de tua honra. Uma louca vingança nos sorri, para nossa alegria. Venha tudo rindo e cantando comigo, pois em meus braços, que te abraçam, sinto meu coração bater sobre o teu.

(A grande porta da entrada se escancara)

**SIEGLINDE** (alarmada): Ei, quem saiu? Ou quem entrou aqui?

(A porta permanece aberta; do lado de fora aparece o azul profundo do céu por cima das copas pontiagudas dos pinheiros, numa gloriosa noite de primavera. Um deslumbrante luar invade o salão, lançando seus jatos de luz sobre eles)

**SIEGMUND** (extasiado): Ninguém saiu, mas alguém entrou: é a primavera que alegra o salão. O áspero inverno de torvelinho denso foge da primavera vitoriosa. De um doce esplendor brilha o mês de abril. No ar límpido, o suave voo dos pássaros pelos prados e florestas. Seu sopro vai por aí sorridente. O canto dos pássaros a anunciam docemente, cheio de alegria. Aromas abençoados exalam no ar a sua presença; brotam as mais lindas flores; sementes e caules explodem o solo. O forte encanto da primavera subjuga o universo. Germes e brotos nascem com a sua força. Seu sopro constante abriu, no fim, sua orgulhosa porta que nos fechava. Fiquemos longe dele. Para a minha irmã os pássaros chegaram! O amor atrai a primavera! O amor se esconde no fundo dos corações. O antigo obstáculo cai em ruínas. Um par feliz eles o reconhecem. Unido está o amor à primavera!

**SIEGLINDE:** Tu és a primavera pela qual ansiei, nos desolados meses de inverno. Meu coração saudou-te com o mais sagrado temor, quando o teu primeiro olhar me iluminou. Sempre vivi entre estranhos, o que me cercava era inóspito. Tudo que me acontecia era como se não me atingisse. Mas, a ti reconheci logo e claramente, quando meus olhos te fitaram, que tu me pertencias. O que escondi em meu coração, aquilo que sou,



o segredo estourou em meu peito; todo o meu coração, claro como a aurora, brilhou aos meus passos, ressoando sons maravilhosos aos meus ouvidos, quando, na solidão deste lugar hostil e glacial, o meu amigo aqui adentrou e me lançou o primeiro olhar.

SIEGMUND: O' encantadora delícia! Divina mulher!

SIEGLINDE: Deixa aproximar-me e ver de perto a nobre luz que brilha em teus olhos e em teu rosto, e que suavemente encanta meus sentidos. SIEGMUND: Tu resplandesces sob o luar da primavera; teus cabelos brilhantes circundeiam-te de uma auréola sublime; o que me seduziu posso facilmente adivinhar, pois os meus olhos se encantam com o que veem.

SIEGLINDE: Como tua fronte se eleva e uma rede de veias palpita em tuas têmporas. Tremo diante das delícias que me encantam. Um pensamento maravilhoso me ocorre: embora só te tenha visto hoje, meus olhos já te tinham visto antes.

SIEGMUND: O sonhado amor foi para mim revivido. O regato refletiu minha própria imagem que agora a revejo.

SIEGLINDE: Vi, no reflexo da água, no rio, meus próprios traços, e agora, de novo, eu os vejo: iguaiszinho como daquela vez, na água, eles submergiram. Tu me presenteias agora a minha imagem!

SIEGMUND: Tu és a imagem, que eu de mim guardava.

SIEGLINDE: O', quieto! Permite que eu ouça tua voz: a mim me parece já tê-la ouvido, quando criança - Ora, não! Agora mesmo de novo eu a ouço (com agitação), na tua voz reconheço o eco da minha própria voz ecoando pela floresta.

SIEGMUND: Oh, que mais queridos sons eu ouço!

SIEGLINDE: O brilho de teus olhos já me inflamam: foi assim que me olhou o ancião ao saudar-me, quando trouxe consolo á minha tristeza. Por aquele olhar reconheceu a sua criança - e quase pelo nome eu o chamei!

(Ela faz uma pausa, e em seguida continua, suavemente)

Deveras te chamas de 'Infeliz'?

SIEGMUND: Não me chame assim, desde que tu me ames: estou pleno de felicidade!

SIEGLINDE: E 'Pacífico' não te permites alegremente seres chamado? SIEGMUND: Chama-me tu, como tu me amares, que eu me chame: meu nome o receberei de ti.

SIEGLINDE: Mas, tu não disseste que teu pai se chamava ‘Lobo’? SIEGMUND Um ‘Lobo’ era ele para as raposas súplices! Mas, ele, pessoa divina, cujos ativos olhos brilhavam como os teus, era chamado de Wãlse. SIEGLINDE: Se Wãlse era teu pai, tu és um Walsung. Foi para ti que ele cravou esta espada na árvore. Deixa-me, pois, chamar-te pelo nome que amo: Siegmund, assim o nomeio!

(Siegmund pula para cima da árvore e apodera-se da espada)

SIEGMUND: Se Siegmund me chamas, Siegmund serei. Minha prova é a espada que ousou apoderar-me. Wãlse disse-me que a encontraria num momento de grande infelicidade: ei-la em minhas mãos! Amor sagrado, da mais alta necessidade. De um sagrado amor a suprema angústia, de um áspero amor uma ardente aflição, que queima em meu coração, ecoando para o duelo da morte! Necessária! Necessária! Assim eu te, nomeio, espada - Necessária! Necessária! Espada sonhada, mostra tua lâmina, ferro destruidor: salta para fora dessa bainha e vem até mim!

(Com um fortíssimo puxão, Siegmund arranca a espada do tronco do freixo e a estala no ar, diante da assombrada Sieglinde)

Tu vês, Siegmund, o Walsung, mulher? Como presente de núpcias ele traz esta espada; e assim desposa a mais bela das mulheres e leva-a da casa do inimigo. Segue-me para bem longe deste detestável lugar, para onde a primavera sorri. Como protetora, terás Necessária, a espada, mesmo se Siegmund sucumbir de amor!

(Ele a abraça afetuosamente. Sieglinde está explodindo de excitação) SIEGLINDE: É a ti, Siegmund, que eu contemplo? Sou Sieglinde que ansiou por ti, tua própria irmã tu conquistaste, e a espada também. SIEGMUND: Esposa e irmã tu serás para teu irmão, e que o sangue dos Walsungen se multiplique.

---

**FIM DO 1ºATO**

---

## 2º Ato

---

### Prelúdio

#### 1ª Cena

Um desfiladeiro silvestre e um rochedo. Ao fundo, o desfiladeiro se descortina de baixo até o cume da montanha, do qual o terreno afunda de novo na parte dianteira. Wotan é visto, preparado para a batalha, armado com sua lança. Com ele está Brünnhilde, uma Valquíria, que está também completamente armada.

WOTAN. Agora põe a brida em teu cavalo, virgem guerreira; logo, logo, travar-se-á a grande batalha. Brünnhilde deve estar pronta para o combate, pois o Wälsung deve sair vencedor! Hunding escolheu aquele a quem pertencerá. Para o Walhalla não precisarei dele. Estejamos prontos e vamos rápido para o campo de batalha!

(Brünnhilde salta gritando de rocha para rocha, no monte à direita)

BRÜNNHILDE. Roiothô! Roiothô!

Rêia-rá! Rêia-rá!

Roiothô! Roiothô!

Rêia-rá! Rêia-rá! etc.

(Ela olha para baixo e chama por Wotan)

Eu te aconselho, pai, prepara-te bem, pois rude batalha irás enfrentar! Tua esposa, Fricka, aproxima-se de carro puxado por carneiros. Ei! Como agita na mão um chicote de ouro! Os pobres animais tremem de medo. As rodas do carro fazem furioso ruído. Encolerizada, ela vem para briga. Nesse tipo de disputa eu não me meto! Mas, fico contente que os heróis lutem. Cuidado com tua defesa diante do ataque. Eu te abandono alegremente!

Roiothô! Roiothô!

Rêia-rá! Rêia-rá! etc.

(Fricka vem do alto do desfiladeiro em um carro puxado por dois carneiros. Ela para no cume e rapidamente desmonta. Avança impetuosamente até Wotan, em primeiro plano)

WOTAN (para si): Velha tormenta, antiga inquietação! Firme e com cuidado, devo esperá-la aqui!

FRICKA: Vês onde nesses montes tu te escondes, para fugir das vistas da tua mulher. Só aqui te encontro, para conseguir tua ajuda.

WOTAN: O que te affige, Fricka? Denuncia livremente!

FRICKA: Eu conheço a necessidade de Hunding. À vingança, levantou ele a voz para mim: a guarda da honra do casal cabe a mim. Quero punir, sem fraqueza, a atrevida e grande afronta, e a ofensa feita ao esposo.

WOTAN: Que fez de errado o jovem par, unido pela primavera? O amor feiticeiro encantou seus sentidos! Quem sou eu para castigar o amor?! FRICKA: Como surdo e abobalhado te comportas, como se não soubesses quão sagrado é o juramento matrimonial. Em nome do injustamente ofendido eu me queixo!

WOTAN: Para mim não são sagrados os juramentos de um casal sem amor! Não espere, portanto, obrigar-me a usar a força naquilo que te escapa. Onde se antevê uma livre contenda, eu mesmo aconselho o deslinde da questão pelas armas.

FRICKA: Tu louvas o amor adúltero? Assim, honras e glorificas um crime sem igual! O incesto de dois gêmeos: meu coração e meus sentidos tremem de horror! A irmã se entrega nos braços do irmão. Desde quando pode existir amor entre dois irmãos gêmeos?

WOTAN: Ei-los chegando. Agora vais saber como tudo aconteceu. Tudo o que te pareceu estranho até agora, brilha nos seus olhos: o amor de cada um pelo outro. Ouve, portanto, o meu conselho: de ti deve sér abençoada a doce embriaguez e a felicidade, a união de Siegmund e de Sieglinde! FRICKA (cora raiva): Desprover-se do poder eterno, desde que te meteste em rixas, com esses turbulentos Wälsungen, é esse teu destino? Não levas mais a sério nossa sublime raça? Negas as leis que devem guiar a tua conduta? Quebras os laços que tu mesmo estabeleceste? Rompes os céus para a alegria dos gêmeos? Pensa, homem, no crime que eles cometeram! O que posso dizer do nosso casamento, que foi por ti profanado? A mulher fiel, o marido a engana; pelos abismos, montanhas, em todo lugar lá em baixo, procurando satisfazer seus infáveis desejos! Para satisfazer-se com outras e deixar-me de mau humor! Com lágrimas tenho sofrido minhas penas, sobretudo quando conduzes tuas filhas ao combate. Filhas da união de um amor criminoso. Tu temeste minha cólera, um dia, pois teu grupo guerreiro e Brünhilde, inclusive, teu desejo vivo, foram colocados por ti sob minhas ordens. Vagueando pelas florestas, como um lobo, com o nome de Wälse... Agora, tendes à mais baixa vergonha, rebaixando-se como gerador de um casal ordinário de humanos: agora aos pés

da ninhada da loba atiras a tua própria mulher! Então põe termo à tua bela obra! Vai até o fim! Coloca-me aos pés desses intrujões!

WOTAN: Tu nunca aprendes quando explico aquilo que ainda não se sabe, antes de acontecer o fato. Só a prática construiu sua sabedoria. Mas aquilo que ninguém viu é todo o meu desejo. Escuta bem. É preciso um herói que, livre da ajuda divina, seja livre das leis dos deuses. Só ele poderá realizar a façanha que não está na capacidade de nenhum deus.

FRICKA: Hábil manobra para me enganar! Que façanha poderá realizar um herói que não possa ser realizada pelos deuses? A cujo favor unicamente o herói deve seu poder?

WOTAN: Sua própria coragem não conta?

FRICKA: Quem alimentou seus corações? Quem iluminou seus olhos? Ajudados por ti parecem fortes. E tu os empurra para a frente e ainda com o teu zelo ousas vangloriar-te. Usas qualquer engodo ou astúcia para me seduzir. No entanto, debes renunciar a esse Wälsung. Contigo ele se parece e age somente por ti.

WOTAN: Ele viveu bravamente! É o que é! Os deuses o deixaram sozinho. FRICKA: Que fique ainda mais só. Tira dele a espada que tua mão lhe deu.

WOTAN: A espada?

FRICKA: Sim, a maravilhosa e mágica espada que o deixou forte. Aquela que deus deu ao seu filho.

WOTAN (veementemente): Siegmund, ele mesmo dela se apoderou na sua angústia.

(O comportamento de Wotan exprime sempre uma aprofundada preocupação)

FRICKA: Tu causaste essa angústia e de ti veio a espada. Queres enganar aquela que noite e dia seguiu teus passos? Por ele plantaste a espada no freixo. E pelo teu braço a espada foi prometida. Não foi pela tua astúcia que ela lá chegou e que ele dela se apropriou?

(Wotan saltita de repente com gestos de muito zangado. Vendo o efeito de suas palavras, Fricka aumenta mais sua confiança)

Contra o servo nenhum nobre luta; o livre combate apenas o malfeitor; eu faço guerra de novo contra a tua vontade; mas Siegmund eu posso puni-lo porque é meu escravo.

(Wotan parece perceber sua incapacidade de defesa e faz um gesto de consternação)

Aquele que te domina, que te possui, deve reinar eternamente sobre a esposa? Diante de tal afronta, terei a desonra do desafio das crueldades e o desprezo dos corações arrogantes? Isto meu esposo não quererá que aconteça; sua deusa ele não a profanará assim!

WOTAN (muito triste): O que é preciso fazer?

FRICKA: Deixa o Wälsung!

WOTAN (vagamente): Que seja seu caminho!

FRICKA: Deixa-o só, no momento do combate vingador!

WOTAN: Eu não o protegerei.

FRICKA: Fala sem fingimento, olhando-me nos olhos, não mintas: que a Valquíria fique contra ele.

WOTAN: Que a Valquíria seja livre!

FRICKA: Negativo, teu desejo reina inteiramente sobre seus olhos. Proíba-a de ajudar Sigmund, como vencedor!

(Depois de uma grande luta interior Wotan tenta resistir a Fricka) WOTAN: Não posso abandoná-lo: apanhou minha espada.

FRICKA: Retira o encanto e quebra a espada! Sem proteção, o vencerá o inimigo!

(O grito de guerra de Brünnhilde é ouvido lá no alto)

BRÜNNHILDE: Rêiará, Reiará, Roiotorô!

FRICKA: Ali vem tua valente moça, gritando, para a caçada ela se apressa. BRÜNNHILDE: Rêia-rá! Rêia-rá! Rôio-torô!.

WOTAN: Minha ordem armou-a para Sigmund.

BRÜNNHILDE: Tu-iô-rô-tu-iô-rá!

(Brünnhilde desmonta de seu cavalo, na trilha da montanha à direita) FRICKA: Seja a resguardada a honra sagrada da esposa eterna. Os humanos zombam, expulsos do poder. Todos os deuses terão o seu fim, se meu direito real não for plenamente vingado hoje por tua filha. Que Sigmund tombe por minha glória! Recebo de Wotan seu juramento?



WOTAN: Recebes meu juramento.

(Wotan arremessa-se sobre um assento na rocha, com terrível depressão. Fricka anda a passos largos em direção ao fundo; lá ela encontra Brünnhilde e para um momento diante dela)

FRICKA: Wotan te espera ali: ouça o que ele tem para te dizer e que decisões tomou.

(Ela se dirige rapidamente para fora. Brünnhilde vai até Wotan e o observa muito preocupada)

BRÜNNHILDE: Mal terminou o conflito e Fricka parece bastante contente! Pai, o que deve fazer tua filha? Pareces sombrio e triste! WOTAN: Fiz as correntes que me prenderam: sou de todos o ser menos livre!

BRÜNNHILDE: Nunca te vi assim! Qual o problema que te aflige o coração?

WOTAN: O' profunda vergonha! Vergonhosa angústia! Desesperança para o deus! Desesperança para o deus! Cólera sem fim! Dor infinita, tristeza eterna! Entre todas as penas, a minha é a pior de todas!

BRÜNNHILDE (apavorada): Pai! Pai! Fala, que queres dizer com isso? Não assusta tua filha! Conta-me, meu coração espera! Brünnhilde suplica! (Ela procura acalmá-lo e afaga seus cabelos. Wotan recupera-se e começa a falar)

WOTAN: Se eu chegar a explicar isso, não é o mesmo que quebrar o meu poder?

BRÜNNHILDE: Se desejas te abrir, faze-o para mim. Que sou eu senão a tua vontade!

WOTAN: O segredo que guardo dos outros jamais será traduzido em palavras. Falando a mim mesmo, falo a ti. A alegria de um jovem amor me fugiu. Meu coração deseja o poder com um ardente desejo dentro desse coração de submeter o mundo todo. Sem entender a obra enganadora, reuni sobre minhas leis todo o mal. Loge enganou-me com sua astúcia e depois fugiu. Mas o amor mora na minha vontade, meu poder sonha com a ternura. Alberich renunciou ao amor. O triste nibelungo amaldiçoou todo o amor. E conquistou por esse crime o ouro esplêndido do Reno, e com isso tudo o poder. O anel que ele forjou conseguiu torná-lo poderoso. Usando minha astúcia, tirei-lhe o produto do roubo, e com esse ouro paguei aos gigantes para construir o Valhalla de onde reinei sobre esse mundo. A sabedoria de Erda, a sábia, avisou-me da má sorte que me aguardava, se ficasse com o anel. Queria saber mais, todavia Erda calou-se e desapareceu. Perdi meu entusiasmo. E até os deuses ficaram por saber. Desci, então até as entranhas da terra, com muito charme e amor. A deusa dominei, venci o seu saber, ela liberou o poder de falar. Soube dela seus segredos. E desse amor com a sábia, seu

corpo gerou a criança, que és tu, Brünnhilde! Oito irmãs, contigo, dela nasceram e cresceram. A vocês, Valquírias, foi designado o trabalho de eliminar o perigo profetizado do fim dos poderes dos deuses. No duro assalto aos inimigos vocês conduziram com astúcia os mais bravos. Esses homens, seguindo nossas leis severas, os nossos pactos sinistros ligados por mentiras, foram por vocês levados às batalhas com os corações fortes para os duros combates. São guerreiros ousados que guardaram até agora, reunidos no grande salão, o Valhalla.

BRÜNNHILDE: São esses guerreiros fortes e numerosos que povoaram teus salões e ficaram sob meus cuidados. Por que então esse temor? Nós sempre seremos fiéis!

WOTAN: Saiba-o bem que um outro desastre foi profetizado para o Valhalla. Aquele anão, Alberich, deseja a nossa desgraça. Raivoso e com inveja não renunciou a perseguir o nosso enalço. Não tenho medo das suas hordas noturnas, meus heróis podem enfrentá-las! Mas, se Alberich retomar o Anel, cairá o Valhalla, pois o anel só ele sabe como poder extraordinariamente usá-lo, para vergonha dos deuses. Ele pode vencer meus heróis, forçar meus bravos, mesmo traindo, e me subjugar. Foi então que procurei um meio de subtrair o ouro. Com astúcia, um vigia ambicioso, um dos gigantes que a ele paguei com o ouro maldito, Fafner, guarda esse ouro, que já o fez assassino de seu irmão. Recebeu, assim, de mim o Anel como salário. Com ele tratei e não posso reclamar! Estou perante ele sem poder! Tal é a corrente que me prende. Se os acordos fizeram-me Rei, desses acordos sou escravo. Somente um conseguiria fazer o que eu não posso: longe do deus, sem o saber, sem o meu chamado, na sua própria angústia e pelas suas próprias armas agindo, ele conseguiria a façanha de recuperar para mim o anel, sem a minha participação. Esse seria o meu único desejo, pois a minha salvação! A revolta contra mim mesmo é por não poder perseguir a minha causa. Como encontrar o amigo inimigo? Esse bravo, verdadeiramente livre, o qual, sem minha ajuda e na sua revolta, seria para mim mais caro do que todos? Como criar um ser diferente de mim, fazendo sem minha interferência aquilo que quero? Angústia dos deuses! Desgraça que me imobiliza! Desgosto de me encontrar sozinho nas minhas empreitadas! O outro que desejo livre e liberado, sempre me escapa. Ele mesmo, o livre, se criou. Todos aqueles que crio tornam-se escravos.

BRÜNNHILDE: Mas, Sigmund, o Wälsung, não trabalha sozinho?

WOTAN: Na caça, o guiei pelas matas. Contra a lei de deus dei poder ao seu valor contra a vingança deles. Só a espada o protege! E ela ele a recebeu de mim, como graça de deus; não posso mentir a mim mesmo! Fricka sabe bem desse erro. Seu vivo olhar o demonstra. Minha vergonha sem nome me obriga a satisfazer a sua vontade.

BRÜNNHILDE: Queres tirar a vitória das mãos de Sigmund?

WOTAN: Quando eu tomei com avidez o anel de Alberich eu o fiz em favor dos deuses! Mas eu toquei em tempos passados, cujo curso agora não corre a meu favor! O maldito encanto deixa-me enfurecido! Quem eu mais amo tenho de agora abandonar à sua própria sorte! O amado do meu coração, que confia em mim, será por mim traído de forma vã! Perder todos aqueles que amo. Trair todos aqueles que me são caros. Que glória divina? Só vergonha para o deus, pois eles são obrigados a desaparecer de minha vista para a minha desgraça.

(Ele faz uma pausa para refletir) E para essa desgraça trabalha Alberich. Agora entendendo o sentido das sinistras palavras de Wala: “Se a sombra inimiga do amor cria um filho em sua cólera o fim dos deuses não deve tardar!” O nibelungo negro, soube recentemente, obedecendo aos seus desejos, submeteu uma mulher, que com ouro comprou, para fazer dela nascer um fruto do ódio. Esse maldito fruto se mexe em suas entranhas! O anão, sem amor, conseguiu esse prodígio! Mas o herói que sonho e amo jamais nascerá!

(Com cólera amarga) Assim, toma minhas congratulações e bênçãos, o’ filho do Nibelungo! O que eu relutaria em de novo fazer, eu te dou como herança, a brilhante pompa dos deuses! Com o resultado de tanta inveja, que morra por ti devorado!

BRÜNNHILDE (aterrorizada): Oh, pai, diga o que deverei fazer!

WOTAN (amargamente): Siga as ordens de Fricka, cumprindo as leis sagradas! Aquilo que ela comanda é também minha ordem. Inútil a minha vontade. De que serve eu mesmo querer? Não posso mais sonhar em sér um homem livre. Sirva Fricka para forjar a vitória.

BRÜNNHILDE: Oh, dor! Lamento essas palavras. Tu amas Sigmund! Eu, de todo o coração protegeria o Walsung.

WOTAN: Faça com que Sigmund morra e que Hunding seja o vencedor! Defenda-o bem! Sê firme na tua força! É importante hoje, mesmo a contragosto, toda tua coragem! Uma espada vencedora arma Sigmund, e precisarás de grande esforço para quebrar o seu encanto!

BRÜNNHILDE: Aquele que me ensinou a amar, cuja nobreza e fineza lhe são tão caras, contra ele nada me obrigará teu duplo desejo.

WOTAN: Como ousas desafiar-me? Queres me ultrajar então? Aquela que me deve a existência? Acredita na minha ira, filha, teu coração irá tremer pelo raio que cairá sobre ti. Em meu peito dorme a cólera que poderá esmagar esse universo que me sorriu há tanto tempo; quem a provoca morre, e o luto responderá ao desafio. Não provoque a ira dos deuses. Faze o que mando! Que Sigmund tombe! Seja esta tua obra, tua lei!

(Wotan é possuído de grande raiva. Brünnhilde permanece longo tempo confusa e alarmada)

**BRÜNNHILDE:** Nunca vi tanta arrogância em meu pai, mesmo quando está irritado.

(Ela, denotando muita tristeza, reúne displicentemente suas armas e brasão)

É difícil até mover o peso das armas. Outrora eram elas leves, nos alegres combates. Para esse cruel combate meu passo se arrasta, meu querido Walsung, com extrema angústia. Tua amiga fiel te abandona!

### **CENA 3**

(Brünnhilde chega ao desfiladeiro e olha para baixo da montanha rochosa e vê Siegmund e Sieglinde. Ela os observa por um momento e então vai para a gruta a fim de buscar seu cavalo. Siegmund e Sieglinde aparecem no desfiladeiro. Nuvens estranhas surgem por cima da cordilheira. Sieglinde está, aparentemente, muito agitada e Siegmund tenta fazer algo para acalmá-la)

**SIGMUND:** Repouse aqui!

**SIGLINDE:** Ande! Ande!

**SIGMUND** (acalmando-a): Espere! Fique, querida mulher! A doce embriaguês. Está pálida, com pressa. Subitamente foge, foge. Custa a seguir-te de perto pelos bosques, ravinas e montanhas. Sombria, calada, sempre surda à minha voz.

(Sieglinde olha amplamente em torno)

Fique em repouso. Fale ao amado. Rompa esse silêncio. Veja teu irmão, ele tem sua noiva; Sigmund é todo teu!

(Ela abraça Siegmund apaixonadamente)

**SIGLINDE:** Vai, vai, desarma o indigno, vil e profano! Eu te enlaço, desonrada e infame é minha carne. Finje, longe de mim esse cadáver. Que seu corpo role nos ventos. Que vil se entrega ao herói. Quando cheio de amor me possuiu. Quando tivemos as supremas alegrias. Quando meu irmão a ela pertenceu. Que todo amor me deu. Nessas doces ternuras. Santos êxtases preenchendo meu corpo e meu coração inteiro. Medo terrível. Horror da sua vergonha. Aterroriza a mulher humilhada outrora submissa ao homem que a teve sem amor. Que fuja a maldita. Deixa-a fugir. Sou indigna, de honra perdida. De ti, tão nobre, triste me afasto. Nunca mais deverei ser tua. De forma vil me ofereci ao meu irmão. Minha honra enlameou o amigo!

**SIGMUND:** Quem fez tais afrontas pagará com seu sangue! Para tua tranquila fuga, aguarda! Vou vencê-lo, vou morder seu coração! Vingarei todas as suas afrontas.

**SIEGLINDE** (escutando): Escuta, o chamado da trompa! O tumulto se aproxima enchendo de gritos bosques e campos. Hunding se levanta do pesado sono. Vêm em massa, homens e animais. Matilha da morte pronta ao homicídio até o céu ela grita. As vinganças do amo ultrajado. **HUNDING** Deixa-a Sigmund!

**SIEGLINDE:** Sigmund, onde estás? Irmão que amo tua é a minha luz. Que a luz do teu olhar seja ainda minha estrela. Sofro com dignidade meu beijo de amor maldito.

(Ela se lança soluçando sobre o peito de Siegmund. Então, mais uma vez, demonstra estar aterrorizada)

Escuta, escuta! É a trompa do Hunding. Sua matilha se aproxima. Terrível de ver; toda espada perante eles é impotente. Abandonaste a espada, Sigmund? Sigmund, onde estás? Ah, vejo tuas formas. Cena de horror. Dentes que rangem e desejam tua carne. Que importa aos cães teu altivo olhar? Pelos pés te alcançam com dentadas mortais. Tombas. A espada se quebra em duas. A madeira do freixo se rompe. Irmão. Meu irmão, Sigmund - ah!

(Ela desmaia nos braços de Siegmund).

**SIGMUND:** Irmã! Amada!

(Ele gentilmente deita Sieglinde no chão e senta-se ao seu lado, com a cabeça descansando em seu colo)

#### **CENA 4**

(Brünnhilde conduz seu cavalo para fora da caverna e vem devagar para frente. Em grave silêncio ela observa Siegmund por algum tempo)

**BRÜNNHILDE:** Sigmund, olha para mim! Sou eu quem te persegue! **SIGMUND:** Quem és tu? Tão bela que me parece refulgente? **BRÜNNHILDE:** Só aqueles que morrem olham meu rosto. Quem me vê anuncia um dia de trevas. Enfrento no campo de batalha os bravos. Quem olha para mim a morte o designou.

**SIGMUND:** Se ele seguir os teus passos, onde irás conduzi-lo? **BRÜNNHILDE:** Ao senhor da escolha, que te escolheu: vem para ele, ao Walhalla, seguindo meus passos.

**SIGMUND:** O deus do Walhalla me receberá só?

**BRÜNNHILDE:** Os fortes e os bravos e as gloriosas vozes vão saudá-lo de um fausto

triunfo.

SIGMUND: Encontrarei Wãlse, meu próprio pai?

BRÜNNHILDE: Wãlse espera seu filho, no Walhalla!

SIGMUND: Devo saborear a acolhida de uma mulher?

BRÜNNHILDE: As filhas de Wotan, as virgens que exaltam teus desejos, te darão hidromel para te refrescar.

SIGMUND: Nobre e santa se apresenta a filha de Wotan. Portanto me responda, deusa, deverão ver no Walhalla a irmã junto ao irmão. Sigmund e Sieglinde unidos também?

BRÜNNHILDE: O ar da terra deve ela continuar a respirar: Sieglinde não acompanhará Siegmund para lá!

(Siegmund inclina-se suavemente sobre Sieglinde e a beija. Depois, vira-se silenciosamente para Brünnhilde)

SIGMUND: Então saúda Walhalla, saúda Wotan, saúda ainda Wãlse e todos os bravos. Dize adeus às doces virgens. Não irei ao seu encontro! BRÜNNHILDE: Estás vendo o olhar moral da Valquíria; tens de segui-la. SIGMUND: Onde vive Sieglinde com tristeza e alegria Sigmund lá quer viver. Vi seu olhar de medo, e em vão queres me dominar?

BRÜNNHILDE Sobre ti, vivo, nada tem poder; a morte infelizmente se acerca e te oprime. Eu que a anuncio falei.

SIGMUND: Qual o herói que me vencerá?

BRÜNNHILDE: Hunding deverá te matar!

SIGMUND: Vã ameaça! Enfrento Hunding e espero pela hora do sangue! A má sorte será do meu rival: sei que morrerá sob meus golpes.

BRÜNNHILDE: Escuta bem, Sigmund, só tu morrerás aqui.

SIGMUND: Vês esta espada! Quem ma deu prometeu vitória. Tua ameaça cede a esta espada.

BRÜNNHILDE: Quem a deu decidiu tua sorte, tirou da espada sua virtude!

SIGMUND (com veemência): Cala-te e não acorda a adormecida! Ó dor! Ó dor! A mais adorada mulher! Tu a mais triste entre todas as mulheres, contra ti todo o universo



se armou, e eu, o único em que confias, que só provocou tua revolta com meu braço não devo ajudar-te nem defender-te. Devo traí-la em combate? Vergonha para aquele que me deu esta espada transformando o triunfo em morte. Se eu cair me afastarei do Walhalla. Hella nunca me pegará!

BRÜNNHILDE: Estimas tão pouco essa alma? Para tudo é única. Na pobre mulher que pálida e trista cai como morta. Em teus braços. Nada mais existe?

SIGMUND: Juventude e beleza se irradiam do teu rosto! Mas, como é frio e duro o teu coração! Tu, que zombas, afasta-te de nós! Arisca e fria criança! Ora, se minha alma pena, isso é para ti teu único prazer! Meus males podem satisfazer. Minha dor pode dar encanto no teu coração sem piedade. Mas, da fria alegria do Walhalla, para de falar!

BRÜNNHILDE: Vejo a angústia que corrói teu coração! Sinto do herói sua santa dor! Sigmund dá-me tua amada, meu braço será seu apoio! SIGMUND: Ninguém além de mim deve tocá-la viva. Se for preciso que eu mora que minha mão a sacrifique logo.

BRÜNNHILDE: Walsung, insensato, segue meu conselho! Confia-me tua amada em nome da prova de amor que ela leva em seu peito.

SIGMUND (segurando a espada): Esta espada que recebi de um traidor, esta espada sem poder traiu minha esperança. Se ela não é mais temível para o rival que sirva para a morte da amada.

(Ele aponta a espada para Sieglinde)

Dois seres estão na tua presença. Mata, Nothung, espada odiosa, de um só golpe suas vidas!

BRÜNNHILDE: Pára, Walsung! Acredito no que falas! Sieglinde vive e Sigmunde viverá com ela. Minha escolha foi feita. Mudo as ordens. Tu, Sigmund, sairás da luta vencedor!

(Chamados de trompa são ouvidos à distância)

Ouves esse chamado? Prepare-te bem! Crê na espada e luta sem medo. A espada brilhará fiel e fiel também será a Valquíria. Adeus, Sigmund, nobre herói! No próximo combate te encontro novamente

(Ela se apressa a caminho com seu cavalo e desaparece no barranco à direita. Siegmund alegremente a observa indo embora. Agora a cena escurece. A natureza parece trans-tornada e posta às avessas a ordem das coisas. Pesadas nuvens, acompanhadas de incessantes trovões escurecem o fundo do palco, obscurecendo completamente da vista os penhascos, ravinas e rochas. Siegmund inclina-se sobre Sieglinde, que está dormindo

calmamente)

## CENA 5

**SIGMUND:** Forte encanto. Um doce som entorpece. Quando a Valquíria vier a mim terá tido ela bom descanso? Na hora do terrível combate, o temor terás vencido. Pálida e respirante, ela portanto vive. Seus temores serão acalentados por um sonho feliz. Quando o perigo passar, depois da luta, a paz a acalmará!

(Gentilmente arruma Sieglinde no chão rochoso e a beija, despedindo-se) Ouço, os uivos vêm de lá. Teu salário, Hunding, está pronto! Nothung vai pagá-lo!

(Ele acelera os passos e desaparece por trás do tempestuoso nevoeiro. Clarões de relâmpagos iluminam a cena)

(Sieglinde começa a mover-se, agitada e irrequieta)

**SIEGLINDE** (sonhando): O pai voltou agora para casa! Como o menino se demora na floresta! Mãe! Mãe! Tu te afliges e eu tremo de medo! Quão sinistros e odiosos se apresentam todos esses estrangeiros! Fumaças escuras, de calor sufocante, cada vez ardendo mais, se aproximam de nós! Nuvens entumecidas escurecem o ar! Ardentes línguas estão queimando em volta; elas queimam a casa! - O' socorro! Siegmund! Siegmund!

(Ela acorda, salta e olha em volta, manhã fresca enublada, com crescente terror. Vastas massas de neblina jazem imóveis diante das elevações laterais, enquanto volumosas nuvens brancas e cinzentas repousam sobre a cordilheira. Nuvens escuras caem sobre a cena e há brilhantes relâmpagos e trovões)

**SIEGMUND!**-Ah!

(Chamado de Hunding é ouvido bem mais perto)

**HUNDING** (do desfiladeiro): Defende-te!(Wehwalt) Defende-te! (Wehwalt). Vem para o combate! Senão meus cães te alcançarão! Tu te escondes, para que eu não te veja?

**SIGMUND** (fora do desfiladeiro): Vem para cá que eu te alcanço! (Sieglinde ouve tudo com terrível ansiedade)

**SIEGLINDE:** Hunding! Sigmund! Onde encontrá-los?

**HUNDING:** Aqui, fugitivo, que me ultraja. Fricka vai matá-lo!

(Siegmund agora é ouvido no desfiladeiro)

**SIGMUND:** Pensas que estou sem arma, vil poltrão! Glorifica Fricka, mas vem tu mes-

mo. Sem sua ajuda. Da casa de tronco tirei do freixo, sem medo, a espada que, afiada, será juíza neste embate!

(Um raio de relâmpago momentaneamente ilumina o desfiladeiro e mostra Siegmund e Hunding em combate)

**SIEGLINDE:** Parai, homens bárbaros! Matai-me primeiro!

(Ela se precipita em direção ao desfiladeiro, mas é inesperadamente ofuscada pelo brilho de um clarão de luz. Ela cambaleia para trás, ofuscada. Brünnhilde aparece, elevando-se sobre Siegmund, protegendo-o com o seu escudo)

**BRÜNNHILDE:** Ataca, Sigmund! Tem fé na tua espada!

(Como Siegmund está ao ponto de acertar um golpe mortal em Hunding,

um vermelho clarão penetra a nuvem, revelando Wotan, em pé, sobre Hunding, estendendo sua lança à frente, na direção de Siegmund)

**WOTAN:** Para trás diante de minha lança! Em pedaços faço a espada! (Brünnhilde se retira aterrorizada das vistas de Wotan. Como a espada de Siegmund é feita em pedaços pela estendida lança, Hunding enfia sua espada bem no peito de Siegmund. Siegmund cai sem vida, no chão. Sieglinde ouve seu último suspiro e com um grito de terror também cai por terra, aparentemente sem vida. A luz desvanece e nuvens escuras enegrecem a cena. Brünnhilde pode ser vista correndo, pegando os pedaços da espada, e abaixando-se para o lado de Sieglinde)

**BRÜNNHILDE:** Monta na sela que eu te salvo a vida!

(Ela levanta Sieglinde e a coloca na garupa de seu cavalo e rapidamente desaparece. A nuvem, agora, separa-se do centro, deixando sér visto Hunding no momento em que brande e enfia a espada no peito de Siegmund já caído e sem armas. Perto, Wotan se detém na rocha, olhando tristemente para o cadáver de Siegmund. Ele se dirige a Hunding) **WOTAN:** Vai-te daqui, velhaco! Ajoelha-te perante Fricka e diz a ela que a lança de Wotan vingou-lhe o pudor ofendido. Vai! Vai!

(Atingido por um desdenhoso aceno da mão de Wotan, Hunding cai sem vida)

(com cólera) Brünnhilde, maldição para a culpada! Serás logo punida por esse crime, se meu cavalo for tão veloz quanto tua fuga!

(Ele desaparece no meio de trovões e relâmpagos, e, então, cai a cortina.)

---

**(Fim do 2ºAto)**

---

### 3º ATO

---

#### **Prelúdio**

#### **A Calvagada das Valquírias.**

#### **CENA 1**

O cume de um rochedo na montanha. À direita um bosque de pinheiros, à esquerda uma caverna, acima uma elevação na rocha que vai até o mais alto ponto do rochedo. Atrás a vista é bastante aberta; rochedos de variadas formas e altitudes estão situados à beira de um precipício, que parece descer acentuadamente num terreno íngreme para o fundo.

(Nuvens volumosas passam para além do cume como se acionassem uma tempestade que se aproxima. Gerhilde, Ortlinde, Waltraute e Schwertleite estão reunidas no rochedo, num ponto acima da caverna. Elas estão com as armaduras completas)

GERHILDE (voltando-se): Roio-to-rô! Roio-to-rô! Rêia-rá! Helmwige! Aqui! Para cá com o teu cavalo!

WELMWIGE: Roiô-to-rô! Roiô-to-rô! Roiô-to~rô!

Roiô-to-rô! Rêia-rá!

(Um relâmpago surge subitamente dentro das nuvens, revelando uma Valquíria a cavalo. Atrás dela, na garupa, está pendurado um guerreiro morto)

GERHILDE, WALTRAUTE, SCHWERTLEITE:

Rêia-rá! Rêia-rá!

(O vulto desaparece atrás do bosque à direita)

ORTLINDE (chamando). A frente de minha besta conduze o teu corcel! Minha cinéria costuma pastar longas campinas com o trigueiro! WALTRAUTE: Quem levas na sela?

(Helmwige entra no bosque)

HELMWIGE: Sintolt, o Hegeling!

SCHWERTLEITE: Leva o teu trigueiro para longe de minha parda: a besta de Ortlinde carrega Witting, o Irming!

GERHILDE: Sempre foram inimigos, Sintolt e Witting.

(Ortlinde aparece de repente)

ORTLINDE: Rêia-rá! Rêia-rá!

O pastor, rufião, que atormenta a mula!

(Ela corre para dentro da floresta)

GERHILDE, HELMWIGE, SCHWERTLEITE: Rá rá rá!, etc.

GERHILDE: O ódio dos chefes excita os corcéis!

HELMWIGE (chamando para trás): Quietos, trigueiros! Ôpa, dê uma trégua! (Waltraute assumiu a guarda, no cimo do monte, para Gehilde, e chama para baixo)

WALTRAUTE: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

Siegrune, aqui; porque demoraste tanto?

(Siegrune chama para trás)

SIEGRUNE: Muito trabalho eu tive! Estão as outras já aqui? SCHWERTLEITE, WALTREITE: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

(com Gehilde) Rêia-rá! Rêia-rá!

(As vozes de Grimgerde e Rossweisse ressoam do fundo)

GRIMGERDE, ROSSWEISSE: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

Rêia-rá!

WALTRAUTE: Grimgerde e Rossweisse!

GERHILDE: Elas cavalgam juntas.

(Em um monte de nuvens, iluminadas por relâmpago, aparecem Rossweisse e Grimgerde, a cavalo, carregando cada uma um guerreiro morto na sela. Helmwige, Ortlinde e Siegrune vêm para fora do bosque e se põem às ordens das recém-chegadas)

HELMWIGE, ORTLINDE, SIEGRUNE: Salve, ó guerreiras, Rossweisse e Grimgerde!

ROSSWEISSE, GRIMGERDE: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

Rêia-rá!

(O vulto desaparece dentro do bosque)

TODAS: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

Rêia-rá! Rêia-rá! etc.

(Gerhilde chama de dentro da floresta)

GERHILDE: Vamos levar nossos corcéis para o bosque, ao pasto e ao descanso!

ORTLINDE: Separem os cavalos até que o ódio dos heróis esteja serenado! WALTRAUTE, SCHWERTLEITE: Rá rá rá rá! etc. (com Gerhilde e Siegrune)

Rá rá rá rá! etc.

HELMWIGE: A pobre cinéria padeceu na batalha com a fúria dos heróis! WALTRAUTE, SCHWERTLEITE, HELMWIGE, GERHILDE: Rá rá rá rá! etc.

ORTLINDE, SIEGRUNE: Rá rá rá rá! etc.

ROSSWEISSE, GRIMGERDE: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô!

AS OUTRAS: Sejam bem-vindas! Bem-vindas!

TODAS: Bem-vindas!

SCHWERTELEITE: Sempre valentes, duas a cavalo em combate?

GRIMGERDE: Separadas cavalgamos e nos encontramos juntas aqui. ROSSWEISSE: Estamos todas reunidas, então não percamos tempo: partamos para o Valhalla! Quer-reiros para Wotan nós levamos.

HELMWIGE: Somos somente oito: ainda falta uma.

GERHILDE: Pelo moreno Walsung ainda espera Brünnhilde. WALTRAUTE: Por ela nós deveremos ainda esperar aqui: o grande pai nos daria furiosa recepção, se nos visse aproximarmo-nos dele sem ela. SIEGRUNE (no posto de observação): Rôio-to-rô! Rôio-to-rô! Para cá! Para cá! Galopando, como se a besta estivesse no cio, Brünnhilde voa para cá.

TODAS: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô! Brünnhilde, salve!

(Elas a observam com crescente assombro)

WALTRAUTE: Para o bosque leva o cambaleante cavalo.

GRIMGERDE: Ouço Grane resfolegando exausto da veloz corrida! ROSSWEISSE: Eu nunca vi a Valquíria galopar assim!



ORTLINDE: Que vejo em sua sela?

HELMWIGE: Não é nenhum guerreiro!

SIEGRUNE: Uma mulher ela traz na garupa.

GERHILDE: Onde ela encontrou essa mulher?

SCHWERTLEITE: Nenhuma saudação ela dirige às irmãs!

WALTRAUTE: (chamando): Rêia-rá! Brünnhilde, tu não ouves nosso chamado?

ORTLINDE: Depressa ajudem nossa irmã a desmontar!

(Helmwige e Gerhilde correm em direção ao bosque, seguidas por Siegrune e Ros-sweisse) TODAS: Rôio-to-rô! Rôio-to-rô! Rêia-rá! Rôio-to-rô! Rôio- to-rô! Rêia-rá!

WALTRAUTE: Exausto, sem forças, Grane se curva!

GRIMGERDE: Apressada pula da sela a mulher!

(Todas as Valquírias vão se aproximando do bosque)

TODAS: Irmã! Irmã! O que aconteceu?

BRÜNNHILDE: (sem folego): Ajudai-me! Socorro! Estou em grande perigo!

AS VALQUÍRIAS: De onde vens tão depressa? Tua fuga, voando assim, é prova de terror! Quem trouxeste contigo?

BRÜNNHILDE: Pela primeira vez eu realmente fujo, e me perseguem. O guerreiro pai está no meu encalço!

AS VALQUÍRIAS: Perdeste os sentidos? Diz logo, conta? O pai, armado, te persegue? Deves dele fugir por quê?

(Brünnhilde olha ansiosamente para elas)

BRÜNNHILDE: Ó irmãs, depressa, escalai a montanha na direção norte e vede se o guerreiro pai se aproxima?

(Ortlinde e Waltraute aparecem de repente no topo da montanha, no posto de obser-vação)

Digam rápido! Já o vedes?

ORTLINDE: A tempestade procede do escuro norte!

WALTRAUTE: Surgem mais nuvens sombrias no norte.

AS OUTRAS: O guerreiro pai cavalga seu augusto corcel!

BRÜNNHILDE: O selvagem caçador me persegue com fúria e procede do Norte! Protegei-me, irmãs! Salvai esta mulher!

AS VALQUÍRIAS: Quem então é essa mulher?

BRÜNNHILDE: Ouvi-me, estou com pressa: Sieglinde é irmã e mulher de Sigmund. Contra os Wälsungen, Wotan voltou-se com virulência; ao irmão deveria hoje Brünnhilde dar a vitória; claro que Siegmund foi protegido por meu escudo, apesar da presença do deus; que o reprimiu ele mesmo com sua lança: Siegmund caiu sem armas; mas eu consegui fugir com a mulher, e estou aqui com ela implorando a vossa proteção e para mim do castigo que virá!

AS VALQUÍRIAS: Tola irmã, como ousaste proceder assim? O ‘dor! O “dor! Brünnhilde, teu culpável erro foi uma afronta! Foi uma revolta contra o poder augusto do guerreiro pai!

WALTRAUTE: (tomando cuidado): Nuvens escuras de tempestade aproximam-se do Norte.

ORTLINDE: (tomando cuidado): Furiosa, dirige-se para cá a tormenta. ROSSWEISSE, GRIMGERDE, SCHWERTLEITE: Relincha forte o cavalo do pai-guerreiro!

HERLWIGE, GERHILDE, SIEGRUNE: Seu resfolegar é assustador! BRÜNNHILDE: Coitada da pobrezinha, quando Wotan encontrá-la, pelo seu ódio aos Wälsungen quererá destruí-la! Qual de vocês me empresta um corcel para salvar essa mulher, fazendo-a fugir daqui?

SIEGRUNE: Queres que sejamos também rebeldes?

BRÜNNHILDE: Rossweisse, irmã querida, empresta-me teu cavalo corredor!

ROSSWEISSE: Meu cavalo nunca fugiu de medo de nosso guerreiro pai! BRÜNNHILDE: Helmwige, escuta!

HELMWIGE: Eu obedeco ao pai!

BRÜNNHILDE: Grimgerde! Gerhilde! Depressa, dai-me um cavalo! Schwertleite! Siegrune! Vide meu medo! Ajudai-me! Sede fiéis a mim na adversidade, minhas ama-

das irmãs! Salvem esta infeliz mulher! (Sieglinde desperta e dirige um fixo e triste olhar para Brünnhilde. Quando esta tenta abraçá-la, protegendo-a, faz um gesto de repulsa)

SIEGLINDE: Não sofram por mim: somente a morte me ajuda. Quem falou que me livrou de um desastre? Teria recebido o golpe mortal da mesma espada que abateu Sigmund e morta, estaria eu já unida a ele. Longe de Sigmund, Sigmund longe de mim! Oh, leva-me, morte, a lembrança, para que não aconteça a vossa ajuda, mulheres. Para não amaldiçoar-te, Valquíria, ajuda-me, enxugando minhas lágrimas e enterrando tua espada no meu coração!

BRÜNNHILDE: Deves viver, pobre mulher! O amor te ordena! Salva a prenda que dele recebeste: (energicamente) um Wälsung vive dentro de ti!

(Sieglinde assusta-se intensamente; então sua face ilumina-se denotando grande alegria)

SIEGLINDE; Salva-me, virgem mulher! Salva minha criança! Ocultai-me, vós donzelas, com a mais poderosa proteção!

(Escuras nuvens de tempestade acumulam-se ao fundo da cena. Distante, trovoadas são ouvidas)

WALTRAUTE: A tempestade vem lá!

ORTLINDE: Fuja daqui quem o tema!

AS OUTRAS VALQUÍRIAS: Fora com a mulher, é perigoso ela ficar aqui: nenhuma Valquíria ousará ajudá-la!

(Sieglinde cai de joelhos aos pés de Brünnhilde)

SIEGLINDE: Salva-me, virgem mulher. Salva a mãe do rebento! BRÜNNHILDE: (resolutamente): Então fuge o mais rápido possível! Fuja sozinha! Eu - permaneço aqui, peço para mim a vingança de Wotan: a ele me ofereço, e somente sobre mim cairá sua cólera!

SIEGLINDE: Para onde devo ir com segurança?

BRÜNNHILDE: Quem de vocês, irmãs, sabe o caminho para o oeste? SIEGRUNE: Para o leste, ao longe, está a floresta onde o tesouro do Nibelungo foi carregado e escondido por Fafner.

SCHWERTLEITE: Como tenebroso dragão, ele se metamorfoseou: e na caverna guarda o anel do Alberich.

GRIMGERDE: Para uma mulher sem ajuda, não há lugar mais recomendado.

BRÜNNHILDE: A floresta, com certeza, a salvará da fúria de Wotan: o deus está vindo e já está perto deste lugar.

WALTRAUTE: (no posto de observação): Com fúria, viaja já por cima do rochedo Wotan!

SIEGRUNE: Brünnhilde, escuta, ele se aproxima com um barulho ensurdecedor!

AS OUTRAS: Brünnhilde, ouve como ele faz voar o corcel!

(Brünnhilde dirige a palavra a Sieglinde com grande urgência) BRÜNNHILDE: Parte, imediatamente, para o oeste, rápido! Vai, corajosa, desafia todos os perigos: fome e fadiga, espinhos e rochedos, ria das maldições e das grandes dores! Que um único pensamento te acompanhe! O mais augusto herói, mulher, cresce dentro de ti!

(Ela exhibe os pedaços da espada de Siegfried e os entrega a Sieglinde) Conserva as duas metades da espada! Eu as peguei perto de seu pai morto pelo deus! Quem deverá brandir essa espada de mim recebe seu nome: Siegfried o herói e vencedor!

SIEGLINDE: Ó santa, maravilhosa, sublime virgem! A ti devo um franco conforto! Por ela, a criança, deverei sobreviver! Que meus desejos um dia se realizem nela! Adeus, abençoada por Sieglinde em lágrimas!

(Ela se põe a caminho depressa pelo pico da montanha, tornando-se envolvida pelas negras nuvens trovejantes. Uma violenta tempestade assola o fundo; os clarões brilhantes da direita aumentam. A voz de Wotan é ouvida)

WOTAN: Fica, Brünnhilde!

ORTLINDE, WALTRAUTE: Chegaram, o corcel e o cavaleiro!

As OUTRAS: Ó dor! Brunnhilde! A vingança já está aqui! BRÜNNHILDE: Ah, irmãs, piedade! Me falta o coração! Sua cólera me esmagará se não for acalmado com a vossa interferência!

AS VALQUÍRIAS: Aqui, encoberta, esconde-te! Fica entre tuas irmãs! Não te deixa ser vista! Fica calada e não responde a seu chamado!

(Ocultam Brünnhilde no meio delas e olham angustiadas para o bosque, onde aparece uma luminosidade resplandescendente)

Desgraça! Wotan saltou do cavalo, todo em cólera, em passo de vingador na direção daqui!

## CENA 2

(Wotan vem do bosque, a passos largos, impetuosamente na direção das Valquírias)

WOTAN (cheio de cólera): Onde está Brünnhilde? Onde está a culpada? Ousam vocês esconder a rebelde?

AS VALQUÍRIAS: Ruge sombria e desagradável tua ira. Que fizeram tuas filhas, pai, para estares tão furioso?

WOTAN: Isto é uma afronta! Louca quem ousa! Eu sei, Brünnhilde está aí com vocês! Deixem-na a sós! Maldição eterna, que a amaldiçoou sua própria família!

AS VALQUÍRIAS: A culpada veio a nós! A pobrezinha veio implorando nossa ajuda! Seu coração desfalece sob tua ira! Para a trêmula irmã nós todas te imploramos: acalma, pelo menos, tua primeira cólera!

WOTAN: Filhas de coração débil e fraco! Vocês foram audazes em combate. As fiz de coração frio e duro para vê-las chorando e gritando?

Quando meu braço se estende sobre a infiel? Sabei, choronas, o ato cometido por aquela que lastimam seus infames soluços! Ninguém como ela penetrou meu pensamento! Nada como ela sabe a razão da minha cólera! Foi ela que, em seu corpo, criou meu desejo também brindando a loucura dessa visão! Seu crime infame afrontou minha vontade! A ordem suprema foi ultrajada! Contra mim ela aponta suas armas: as mesmas que eu coloquei em suas mãos! Fala, Brünnhilde! Tu que, da força, capacidade, graça, beleza e existência, que te sobrelevam, deves a mim! Fala e responde à minha queixa! Trema quem te esconde! Fugiste covardemente do julgamento e castigo?

(Brünnhilde procede do meio das Valquírias e humilde mas firmemente aproxima-se até uma pequena distância de Wotan)

BRÜNNHILDE: Aqui estou eu, pai: ordena a pena!

WOTAN: Tua pena é minha obra! Tu mesma te condenaste! Pela minha vontade te dei existência! Contra minha vontade ditaste ordens! Meu desejo foi esquecido!. Contra mim fizeste promessas, e só meu braço te armou! Contra mim teu braço levantou a arma! Logo quem conhece as minhas leis. Contra mim, tuas injúrias. Só tu com tua voz foste capaz de insurgir meus heróis contra mim! Wotan já te enunciou teu passado! Teu presente, decidirei agora! Meu desejo não será mais o teu! Valquíria não mais serás! Resta tão-somente aquilo que serás!

BRÜNNHILDE: (intensamente): Me repeles! É essa tua condição?

WOTAN: Irás viver longe dos céus, longe do Valhalla! Teus passos não mais te conduzirão aos heróis, nem levarás os vencedores à minha morada! Aos santos convivas, deuses e deusas, tua mão não oferecerá mais o hidromel! Minha boca esquecerá tua carinhosa boca! Do povo sagrado tu te separas! Longe do tronco, cai o galho seco! Aqui rompo os nossos laços! Dos meus olhares divinos estás banida!

ASVALQUÍRIAS (agitadas): O 'dor! Não! Perdão, compaixão para com ela! Ah, irmã!

BRÜNNHILDE: Despojas-me de todos os dons?

WOTAN: Teu vencedor deverá tirá-los. Aqui nesta montanha ficarás no exílio, inerte e sem armas, dormirás teu sono! Até que um homem te subjugue, ó virgem! Aquele que te encontrar no seu caminho!

(Muito agitadas, as Valquírias abaixam-se no rochedo e se agrupam em volta de Brünnhilde, que está meio ajoelhando-se à frente de Wotan)

AS VALQUÍRIAS: Pára, pai! Contém-te! Queres ver a virgem ser desonrada por um homem? Ó deus desapiedado e terrível! Afasta dela semelhante e terrível afronta! Tua sentença faz cair sobre nós a mesma desonra!

WOTAN: Não ouvistes o que falei? A rebelde será expulsa de vosso grupo e seu cavalo não deverá mais pastar perto dos vossos corcéis! Essa flor virginal agora murcha e morre! Um esposo irá reinar sobre seu corpo de doçura! Ao homem, seu amo, sua vida pertencerá! Sentada junto à lareira e condenada ao desprezo de todos!

(Brünnhilde cai ao chão com um grito; as Valquírias retraem-se feridas de horror)

Desagradável para vós este fato? Não tremais! Deixai a maldita e para longe dela sempre fugam! Longe daqui! Se alguém se aproximar dela e provocar-me tomando seu partido, a pobrezinha terá a mesma sorte! É assim que eu trato o orgulho e a soberba! Longe dessa montanha! Longe desses crimes! Rápido, sigam vossos caminhos! A desgraça espreita este lugar!

AS VALQUÍRIAS: Ó dor!

(Elas se separam com selvagens gritos e choros e fogem para o bosque)

O' dor!

(Negras nuvens instalam-se no penhasco; um clamor selvagem é ouvido na floresta. Um brilhante relâmpago quebra atrás das nuvens e pela luz que forma as Valquírias são vistas apressando-se no caminho, freneticamente. A tempestade logo se acalma e as nuvens do temporal se dispersam. Na cena que se segue o tempo se torna calmo. Cai o crepúsculo e a escuridão sobrevêm)

**CENA 3**

(Wotan e Brünnhilde ficam a sós. Ela parada, de joelhos, diante dele. Há um longo e solene silêncio. Lentamente, ela levanta a cabeça, primeiro timidamente e depois mais firmemente)

BRÜNNHILDE: O que foi assim tão vergonhoso, que eu tenha feito? Fui tão infame na minha perversidade para que seja assim humilhada? Traí a honra ao ponto de a tirares de mim para sempre? Dize, pai, olha para dentro de minha alma! Controla tua ira e mostra-me claramente esta obscura crueldade que constrange teu coração em cólera a amaldiçoar tua querida filha.

WOTAN (tristemente): Pergunta ao teu ato! Só ele explicará tua falta! BRÜNNHILDE: Obedecerei ao teu desejo.

WOTAN: Falei para lutares em favor do Wälsung?

BRÜNNHILDE: Assim falaste. Mestre único da escolha!

WOTAN: Mas eu revoguei minha ordem, e a nova ordem foi desobedecida!

BRÜNNHILDE: Quando Fricka te deu uma alma estrangeira, ficaste cativo de sua causa e amparaste o próprio inimigo?

WOTAN: Mas claro, minha ordem foi logo em seguida mudada! BRÜNNHILDE: Quando Fricka quis impor-te sua vontade; então contrapuseste teus motivos e tua vontade: transpareceste mesmo estar contra ela.

WOTAN: Acreditando que soubesses compreender, narrei-te o futuro; agora devo castigar teu desafio, pois julgaste-me covarde e vil! Devo julgar portanto a infiel indigna da minha cólera?

BRÜNNHILDE: Tudo ignoro, menos o que te digo: apesar das runas, amavas o Wälsung! Vi a angústia que te acometeu! Único amor, tu o abandonaste; só o resto reflete o teu olhar e te faz sofrer grande tormento de ter tirado tua ajuda a Sigmund.

WOTAN: Presenciaste tudo isso e ousaste protegê-lo?

BRÜNNHILDE: Vi somente um único amor, do qual, no constrangimento, sangra teu coração! Teus olhos enfraquecidos se desviam! Aquela que cobriu tua retirada do combate, a viste só, ela se julgava por ti guardada. E tive compaixão de Sigmund. Inicialmente, funesta contra ele, logo li no seu rosto sua decepção, ouvi sua palavra e compreendi a santa dor do herói, que ecoou no meu coração. Sua triste lamentação, livre ternura para com a amada, sombrio tormento de uma alma aflita, após o desafio



e a perseguição, meus ouvidos entenderam, meus olhos viram claro, aquilo que havia no fundo do meu coração: uma santa inquietação! Pálida, muda, vi minha vergonha e dispus-me a tudo por sua causa, foi o meu pensamento: vencer ou morrer! Num momento com Sigmund, foi minha função a escolha e o destino. Por esse amor que em mim criaste e que me fez irmã do Walsung, tudo pelo seu desejo de ser fiel é que por ti desafiei a morte.

WOTAN: Mesmo assim podias ter revertido o teu ato, que no meu coração provoca um duplo desespero. Tão rápido saboreaste a bondade de um coração livre, enquanto em mim a dor queimava-me a angústia mortal que oprimiu-me pelo amor de um mundo e tirou-me o amor deste coração roído pelas torturas, então contra mim lutavas na angústia. Vi-me vencido, cheio de cólera, de raiva, de desejo e de revolta, que tornaram mortal a minha vontade. Na morte do meu próprio mundo, acabar minha pena eterna. Mas em ti, o arrebatamento embriagou-te, na angústia enveneno-me de desgosto? Que teu desejo vão seja então teu guia. De mim te separaste. Meu coração de ti se afasta. Devo libertar-me do teu funesto conselho. Distintos não deveremos ficar juntos. No tempo e no espaço. O deus não deve mais te conhecer.

BRÜNNHILDE: Assim tua filha não soube te ajudar. Não entendo qual foi teu desejo, quando meu próprio desejo somente me dizia de amar aquele que tu amavas. Devo perder-te, fugir com medo. Deves romper aquilo que foi unido; quebrar, com o exílio, a metade do teu sér. Outrora tua, o' deus, lembra-te bem, irás enlamear a tua própria essência eterna, por causa de uma pseudá afronta, a vergonha também cairá sobre ti mesmo. A não ser que eu seja libertada do desprezo.

WOTAN: Teu coração seguiu a lei do amor. Seja no presente, quem no amanhã deverá amar.

BRÜNNHILDE: Devo deixar o Valhalla, não mais trabalhar nem governar contigo, sofrer o poder dos braços de um infame? Ao menos salva-me, dispondo que somente um bravo seja meu vencedor.

WOTAN: Teu coração negou a escolha do teu guerreiro pai. Não posso mais escolher por ti.

BRÜNNHILDE (meiga): Uma raça nasceu de ti. Nenhum infame poderá dela nascer. Sei que um poderoso herói nascerá dos fortes Walsungen. WOTAN: Cala e não me importuna com essa raça perdida! O deus dela e de ti se afasta. O rancor deverá esmagá-la.

BRÜNNHILDE: Aquela que afrontou teu ódio pode salvá-lo! (Confidencialmente) Sieglinde leva um fruto sagrado nascido do amor. O filho de suas lágrimas logo nascerá.

WOTAN: Nunca darei nenhuma ajuda a essa mulher, nem ao seu filho! BRÜNNHILDE: Ela tem a espada que Sigmund pegou de ti.

WOTAN (violentamente): E que minha própria mão brandiu muitas vezes. Em vão queres curvar minha coragem, aceita tua sorte. Aquilo que fizeste me impede de remediar; agora parto. Longo é o caminho, já fiquei muito tempo ao lado da filha, da qual me afasto. Devo olvidar as tuas promessas! Somente o castigo se realiza para mim.

BRÜNNHILDE: Qual é o castigo que vais me aplicar?

WOTAN: Um pesado sono fechará teus olhos. Aquele que te despertar, o' virgem, te tomará como sua esposa.

(Brünnhilde cai de joelhos diante dele)

BRÜNNHILDE: Se for preciso que um sono seja meu castigo, oferecendo a tua filha a um infame, ouve uma única súplica: que o terror sagrado do teu sangue cerque a virgem de um assombroso espanto, a fim de que somente um bravo, um herói livre, na montanha, logre me acordar. WOTAN: Muito orgulhoso teu sono! Muito alto teu desejo!

(Brünnhilde abraça seus joelhos)

BRÜNNHILDE: Minha última súplica então escuta: quebra a tua filha, abraçando seus joelhos, destrói a amada, esmaga seu corpo; que o cruel punhal rasgue sua carne, pelo menos, bárbaro, poupa-a da suprema afronta! Ou então, que à tua ordem, se desencadeie aqui um fogo cercando a rocha, brilhando fumegante, que queime, que triture, com seus dentes, o infame que dela se aproximar.

(Wotan transporece imensa emoção. Levanta Brünnhilde de seus pés e olha fixo nos seus olhos, emocionado)

WOTAN: Adeus, valente e nobre filha! És meu orgulho, minha vida! Adeus, adeus, adeus! Devo evitar teus olhos. Não mais posso acolher-te com bondade. Não devo mais ver-te cavalgando à minha direita ou oferecendo-me o cálice de suave bebida. Devo perder-te, eu que te adoro, alegria e ventura da minha vida! Que um fogo nupcial se irrompa ao teu lado, cercando a rocha, como nunca existiu um tão flamejante! Vermelho esplendor defenda a rocha, e que um muro terrível pegue o poltrão! Que nenhum infame ouse se aproximar daqui! Que um homem, mais livre do que eu, o deus, te desperte!

(Profundamente comovida, Brünnhilde cai sobre o peito de Wotan. Ele a envolve num grande abraço) Esses olhos banhados de luz! Esses olhos tanta vezes por mim beijados, quando meu beijo pagava tua valentia e quando se abriam teus doces lábios de criança

para o quinhão dos bravos! Esses dois olhos, sóis do meu coração, iluminavam os dias de combate! Lembrando quando uma esperança maior que o mundo queimava no meu peito, desconsolado de desejos e angústias sem fim, meus lábios ainda saboreiam tuas lágrimas, no meu último adeus, o adeus no último beijo! Que ao homem enviado brilhe seu fogo por mim, miserável deus! Deus que se afasta de ti, e um beijo o divino te dá.

(Ele imprime um longo beijo nos seus olhos e ela cai inconsciente nos seus braços. Ele a carrega ternamente até um banco de musgos com ramificação de abeto e a deposita lá. Por um tempo ele a contempla, e então fecha seu capacete. Cobre a envolvida em sono perpétuo com grande escudo de aço e cheio de arrependimento e dor afasta-se em direção ao centro da cena. Com solene decisão ele dirige a ponta de sua lança para a grossa rocha)

Loge, escuta! Vem, quando peço! Antigamente, até o dia da tua fuga, quando eu exigia, tu ardias um devorante braseiro! Faz agora um clarão ondulante como outrora! Seja a corrente mais fervente e flamejante! Defende a rocha, vermelho clarão!

(Durante a seguinte passagens, ele bate três vezes na rocha com sua lança) Loge, Loge, aqui!

(Um fluxo de fogo brilhante salta da rocha, cada vez mais brilhante. As chamas cercam Brünnhilde. Com sua lança, Wotan direciona o fogo para envolver o rochedo. As chamas se espalham para o fundo e rodeiam o rochedo no qual Brünnhilde dorme com permanente anel de fogo em volta) Quem tiver temor da ponta da minha lança, nunca aborde este fogo!

(Ele estende sua lança como se um imponente encantamento dela se projete; olha para trás, para Brünnhilde, pesarosamente. Vagarosamente volta-se para partir, mas para e olha para trás de novo)

(Wotan desaparece através do fogo e as cortinas caem)

---

**FIM**